

Com Lula, Brasil toma a iniciativa do jogo no meio ambiente

oglobo.globo.com/opiniao/artigos/coluna/2022/12/com-lula-brasil-toma-a-iniciativa-do-jogo-no-meio-ambiente.ghtml



O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva discursa na COP27, no Egito Ahmad Gharabli/AFP

Colunistas convidados escrevem para a editoria de Opinião do GLOBO.

Em termos oficiais, há mais continuidades do que rupturas na posição do país no governo Bolsonaro

No seu discurso na Cúpula do Clima em Sharm el-Sheikh, Lula reafirmou que “o Brasil está de volta”. Uma leitura atenta do seu discurso, contudo, mostra que o presidente eleito também levou consigo uma estratégia inédita para a governança ambiental global: o país saiu da retranca e foi para o ataque.

Desde a Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento no Rio de Janeiro, em 1992, as ações do Brasil foram construídas como uma reação às pressões internacionais. A própria proposta do Brasil para sediar o evento e a demarcação de terras indígenas ocorrida no período tiveram como principal objetivo apaziguar as críticas em relação à destruição da Amazônia e ao extermínio de povos indígenas.

Por décadas, o Brasil seguiu como ator meramente reativo. O mecanismo financeiro para a conservação das florestas (REDD), proposto por ONGs e cientistas, foi fortemente combatido pelo Brasil nas negociações do clima. Só passamos a liderar o processo após outros países tropicais forçarem a entrada do tema em pauta, e quando o Brasil já havia conseguido reduzir o desmatamento na Amazônia. O “soberanismo” e o pronto rechaço às críticas permaneceram como cacoete de nossa resistência às intervenções estrangeiras.

Em termos oficiais, há mais continuidades do que rupturas na posição do Brasil durante o governo Jair Bolsonaro. Embora tenha ensaiado romper com grandes acordos do clima no início do seu mandato, o atual incumbente jamais encontrou condições efetivas, no plano das relações internacionais, para sustentar explicitamente a sua agenda antiambiental doméstica.

O soberanismo brasileiro ficou mais caricato e destrutivo com Bolsonaro, mas o seu embrião já estava ali desde há muito. Com a explosão do desmatamento, principalmente após 2018, a pressão internacional alcançou alturas inauditas. Não só as palavras foram mais duras, mas foram também acompanhadas por ações concretas no Reino Unido, na União Europeia e na China, que poderão, na prática, boicotar produtos brasileiros. As finanças globais também avançaram rapidamente para uma reestruturação, tornando incontornável a questão ambiental.

O time de Lula volta ao campo, em 2022, com o país precisando virar o jogo. Se continuarmos na retranca, estaremos fadados a perder. Independentemente do que o país faça ou diga, não existe lugar no mundo, hoje, para um Estado que aumente as exportações do agronegócio às custas da destruição de suas florestas. Daí que Lula, com audácia, parta para o ataque ao sugerir que o mundo pratique um novo padrão de governança global, em que as decisões climáticas sejam efetivamente cumpridas, com garantia de representatividade e inclusão política para os atores envolvidos, evitando, assim, um novo fracasso, a exemplo do Protocolo de Kyoto.

O que o Brasil de Lula realmente almeja, a julgar pelo recente discurso no Egito, é um lugar de destaque na construção da nova ordem global, que inclui não só o clima, mas também o sistema financeiro e o Conselho de Segurança da ONU. Isso permitiria, bem dizendo, um reconhecimento do enorme patrimônio natural e o estabelecimento do Brasil como potência agroambiental, com credenciais suficientes para ladear-se a outras potências do planeta.

A jogada de Lula é arriscada, sim. Estamos apostando que, quando o Brasil sediar a Cúpula do Clima, dentro de três anos, terá conseguido reduzir significativamente o desmatamento das suas florestas, alcançando o que foi prometido em Paris. Como somente Brasil e EUA possuirão metas para o ano 2025, seremos os primeiros a carregar o peso da fragorosa derrota — ou os louros da consagrada vitória.

**Raoni Rajão é professor de gestão ambiental da UFMG e pesquisador visitante no Wilson Center em Washington (EUA), Dawisson Belém Lopes é professor de política internacional da UFMG e pesquisador visitante na Universidade de Oxford*